



Memórias da Pós-Graduação em Psicologia no Brasil: a Psicologia Social da PUC-SP

Memories of Graduate Psychology courses in Brazil: the Course of Social Psychology of the PUC-SP

Maria do Carmo Guedes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Brasil

Resumo

Tendo por base suas próprias lembranças, mas trazendo para acompanhá-la falas de professores com os quais partilhou a experiência da implantação (1970-1982) de um dos primeiros programas de pós-graduação, a autora traça, em linhas gerais, alguns aspectos que marcam o período quanto ao vivido no país e na psicologia da época. Volta a 1963 e 1968, datas que marcam profundas alterações na instituição, descrevendo condições que propiciaram proposta comprometida com uma psicologia social diferente e com a formação de pesquisadores para a realidade brasileira. Acatando princípio segundo o qual uma data expressa ajuste de contas com o tempo anterior, descreve a experiência até a proposta do doutorado, detalhando projetos, atividades, vicissitudes em três movimentos: da criação à primeira autoavaliação (1970-75); das primeiras defesas ao debate de projetos desenvolvidos por colegas em outras áreas e países (1976-80); e, finalmente, o movimento em direção à proposta do doutorado (1981-82), consolidando o projeto.

Palavras chave: psicologia social; pós-graduação em psicologia; laboratório de Psicologia Social

Abstract

The author describes projects, activities, and difficulties of one of the first graduate Psychology courses in Brazil. The present article brings memories of the author and of other faculty members of the Program of its early days, when some of them were still students working on the Laboratory of Social Psychology. The author details the initial project of the Master Program, in 1970, and its development until the beginning of the Doctorate Program, in 1982. Three distinct movements are identified in the Program history, according to the principle that dates express a checking point with previous times. The article shows that the Social Psychology Graduate Program was committed to the construction of a Psychology concerned with the problems of the Brazilian reality and with the training of competent researchers to investigate such issues.

Keywords: Social Psychology; Graduate courses in Brazil; Laboratory of Social Psychology

Introdução*

Florestan Fernandes (1975) a chamou de *a reforma consentida*.

Estou falando da Reforma universitária imposta pelo governo militar ao final de 1968, coroando o Ato Institucional nº 5, com o qual impusera

poderes totais de repressão, intervenção nos estados e municípios, cassação, suspensão dos direitos, prisão preventiva a civis por militares, demissão, reforma e até confisco, tudo submetendo aos imperativos da segurança nacional. É fechado o Congresso, são cassados os mandatos de 110 deputados federais, 161 estaduais, 173 vereadores, 22 prefeitos, quatro ministros do Supremo Tribunal Federal e são presas



milhares de pessoas, entre elas JK. (Ribeiro, 1985, § 1972).

Mas, por que este termo *consentida*? Porque a Universidade vinha já se questionando desde pelo menos 1961: é desse ano o I Seminário sobre Reforma Universitária realizado na USP. Quanto ao questionamento na PUC-SP, à época, era só dos estudantes, como veremos mais adiante.

Foi no âmbito dessa reforma imposta pela lei nº 5.540/68 e no clima criado pela linha mais dura entre os governos do nosso período ditatorial que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) criou seu Ciclo Básico e seu Setor de Pós-Graduação. O Ciclo Básico para receber os alunos com um projeto educacional de introdução do estudante à Universidade (em oposição ao que propunha a Lei – um primeiro ano para recuperação do secundário) (1). E o Pós-Graduação para salvar o que havia de pesquisa na Universidade, que a Lei delegava agora aos departamentos e que, na PUC-SP, em sua enorme maioria, tinha só professores ainda sem titulação acadêmica, incluindo muitos recém-graduados, conseqüência da ampliação de vagas com a qual a Universidade se comprometera quando da *revolta dos excedentes* em 1968(2). Para se ter idéia, só a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de São Bento mudou de 550 alunos em 1970 para 1.500 no ano seguinte. Segundo Joel Martins (1989), um dos responsáveis pelo projeto: "Era preciso então preparar o pessoal da Universidade para a Universidade. O que logo ultrapassou nossos muros, começamos a receber pessoal [de outras Universidades] principalmente do Nordeste."(3)

Para nós, na Psicologia – então um Instituto (criado por Enzo Azzi em 1950 e que respondia por pesquisa, um periódico, três cursos de especialização e serviços psicológicos nas áreas clínica, educacional e trabalho) e um Departamento na FFCL de São Bento (que respondia pelo Curso de Graduação desde 1963) –, a reforma consentida veio fechar um ano de exceção. Estávamos vivendo neste Curso uma experiência muito especial, conseqüência direta dos acontecimentos desde o início do ano (1968), que culminaram com a tomada da PUC-SP pelos estudantes. (À época, a Universidade tinha apenas um prédio, o da rua Monte Alegre, no qual funcionavam as Faculdades que, além do Instituto, integravam a PUC-SP de então: a Paulista de Direito e a FFCL de São Bento. O Instituto de Psicologia, além do Laboratório de Psicologia Experimental, que funcionava no subsolo desse prédio, distribuía-se por dois outros endereços: rua Bartira (Departamento de Pesquisa) e rua Cardoso de Almeida (Clínica Psicológica).

Tomado o prédio pelos estudantes, alguns professores do Curso de Psicologia, acolhidos pelo Setor de Pesquisa do Instituto (dirigido por Doutora Aniela Ginsberg), nos reuníamos diariamente, na casa que ficava na esquina das ruas Bartira e Cardoso de Almeida (hoje um posto de gasolina). Pudemos então nos preparar, como grupo, para responder a algumas das mudanças demandadas pelos estudantes; entre outras: mais prática, mais relação teoria-prática, ampliação de vagas, compromisso social, exigências então do movimento estudantil no Brasil e no mundo. Fazendo parte de uma Comissão Paritária (que tinha mais estudantes que professores, mas era chamada Paritária), Sílvia Lane e eu (para citar dois dos professores do Programa de Psicologia Social - PSO) tivemos oportunidade de participar da montagem de uma proposta de curso revolucionária: não tínhamos mais *grade horária* separando professores em disciplinas e estudantes em séries, quebrando, assim, duas das principais compartimentalizações da Universidade. Oito Projetos – nos quais se integravam teoria e prática, pesquisa e aplicação – eram oferecidos para que os 200 estudantes (de 1º a 5º anos (4), mas independente da série) escolhessem dois, aos quais dedicavam todo seu tempo, que era integral; quanto aos professores, tinham que participar de um deles, com a maior parte de seu tempo contratual, ficando à disposição dos outros projetos, como consultores, nas suas respectivas especialidades.

Entretanto, na memória de Antonio Ciampa, outro professor do PSO hoje, então um dos nossos sextanistas, tudo começou bem antes:

Vim fazer Psicologia na Universidade Católica em 1963,
abandonando o quinto ano de Direito [na USP].



Encontrei não apenas um curso, mas uma Faculdade, a *São Bento*, dirigida por um padre *diferente*, que era o Coordenador Nacional da JUC (5). Nessa época, a direção geral da Universidade era exercida por padres e o grande projeto era então o de construção de um auditório (...). Para nós, estudantes, um mau uso de verba que deveria ser aplicada na Universidade. Contra isso, invadimos o prédio e ficamos donos dele por alguns dias, cercados pela polícia e por estudantes da direita. Entretanto, as reivindicações foram atendidas e nós fomos em passeata devolver as chaves ao Cardeal (6). Foi nomeado então o primeiro Reitor leigo, enquanto o Diretor da São Bento era chamado de *monsenhor vermelho* em editorial do jornal O Estado de São Paulo. (...)

No ano seguinte, eu era presidente do DCE. Agora nossa briga era contra o projeto do Reitor de fazer do auditório um cinema comercial. Começou um novo movimento, que se revelou bem sucedido – como se viu depois com a montagem do TUCA, Grupo de Teatro da Universidade Católica [hoje nome também do próprio Teatro]. (Ciampa, 2002)

Método

Antes de continuar, cabe explicar como montei, e por quê desta forma, esta exposição. Para entenderem meu papel nesta história, lembro primeiramente *de onde eu falo*: meu serviço no Programa de Psicologia Social à época de sua criação e até a criação do doutorado era o de professora de Metodologia. E, para não reduzi-la à minha memória apenas, recorro a alguns dos muitos protagonistas dessa história, entre eles: atuais professores, alguns deles também ex-alunos; ex-professores, que participaram da implantação do PSO e do próprio Setor de Pós-Graduação da PUC-SP; e alguns colaboradores - professores e pesquisadores visitantes. De modo geral, memória já tomada pública, em eventos da área ou em publicações diversas; apenas dois foram entrevistados especialmente para esta exposição.

Cabe também uma explicação sobre as datas que cito para montar a história do nosso PSO. Com historiadores, a gente aprende que datas expressam ajuste de contas com o tempo anterior, cujas possibilidades foram consideradas esgotadas. Isto é, elas importam, não tanto porque falam de uma transformação evidente, mas porque falam de intenção transformadora vitoriosa e necessidade de romper com vínculos do passado (Bresciani, 1978), refletindo, por assim dizer, *movimentos bem sucedidos*. Podem variar, como no caso do *quando tudo começou*: 1963 para Ciampa, 1968 para mim; quanto às outras datas que escolho, podem também não ser consenso entre nós do PSO. De minha parte, ao menos para esta exposição, destaco três mo(vi)mentos: 1970-1975 - quando da apresentação da proposta e coordenação de doutora Aniela Ginsberg; 1976-1980 - quando, agora sob coordenação de Sílvia Lane, o PSO procedeu à sua primeira autoavaliação; finalmente, o movimento que nos trouxe de volta uma nota "D" na Capes, quando da criação do doutorado em 1981-1982 (que levou ainda seis anos para obter credenciamento, mas isto é outra história). A propósito, uma curiosidade: pelo menos até 1990, as notas mais baixas a cada avaliação Capes eram em geral dos Programas de Psicologia Social.

Resultado

Pretendo abordar dois destaques que nosso Programa tentava merecer: o compromisso com uma Psicologia Social *diferente* e o objetivo de formação de pesquisadores *para a realidade brasileira*. Os momentos escolhidos representam bem estes destaques. Além de



1970/72, quando da criação e início da primeira turma de mestrandos, sobressai o momento em que, cinco anos depois, Sílvia Lane assume a direção dos trabalhos, criando logo em seguida o Laboratório de Psicologia Social e, conseqüência dos estudos e debates propiciados então, uma viagem pela América Latina (7), na busca de parceiros para esta *outra psicologia social* (como a intitulada Maria Auxiliadora Banks em seu *Corrientes de la Psicologia Social*, de 1997), que culmina, consolidando o projeto, na proposta do Doutorado em 1982.

1º momento – 1970/75

A criação do Programa foi um proposta de Aniela Meyer Ginsberg, com apoio de Sílvia Lane, então sua orientanda.

Aniela Ginsberg (8), pesquisadora do IP da PUC-SP desde 1950, assumia para a então *crise* da Psicologia Social a saída oferecida pela abordagem *cross-cultural*. Grande freqüentadora de congressos internacionais, especialmente os de psicologia aplicada, filiava-se agora também à recém-criada Associação Internacional de Psicologia *Cross-cultural*. Um parênteses: a crise da Psicologia Social de que aqui se fala pode ser encontrada no questionamento dos anos sessenta/setenta, em autores da área e afins – na França, Pêcheux (1969 a, 1969 b) e Moscovici (2003) e, em inglês, Triandis (1994; 1995), Jahoda (1958), Gergen (1976) e um periódico em especial – o *Personality and Social Psychology Bulletin* (iniciado em 1974), cujo primeiro artigo tinha por título “This is a science? Social psychologists’ aversion to knowing what their theories say” (Manis, 1974).

Em 1969, na PUC-SP, Doutora Aniela vivia uma grande preocupação: a de não se deixar submeter à estrutura departamental imposta pela Reforma, que acabava com o Instituto de Psicologia ao criar uma nova Faculdade de Psicologia. Tinha como principal companheira nessa preocupação a professora de Psicologia Social Sílvia Lane que, por sua vez, vivia intensamente a crise da psicologia social como professora dessa disciplina, em cursos de graduação desde 1964, especialmente no de Psicologia da PUC-SP, onde a pesquisa era tão marcante que o estudante tinha dois Trabalhos de Conclusão de Curso: um ao final do 4º ano, para o bacharelado; outro, ao final do 6º ano, para se formar profissional psicólogo.

É de Sergio Ozella (professor na equipe de Sílvia Lane na PUC-SP desde 1972, hoje professor também no Programa) a lembrança, registrada na Introdução de sua tese sobre o Ensino de Psicologia Social no Brasil:

O conceitual básico oferecido em Psicologia Social I era aquele encontrado em manuais correntes na época: percepção social, motivação social, comunicação social, atitudes e mudança de atitude, crenças e valores, preconceitos e estereótipos, papéis sociais e socialização. Em Psicologia Social II, acrescentava-se Grupos Sociais e retomava-se todo o conceitual estudado, aplicando-o a educação, saúde e saúde mental, organizações, mudança cultural, comportamento político, comunicação de massa, comportamento coletivo, religião. (Ozella, 1992, p. 1)

Esta ênfase numa psicologia social aplicada talvez explique a aproximação de Doutora Aniela (no Curso, uma professora que ensinava Métodos projetivos aos alunos do 5º ano), ao trabalho de Sílvia Lane (em disciplinas que eram de 2º a 4º anos). Doutora Aniela era uma grande pesquisadora do Rorschach, mas sempre voltada ao papel especial que esta prova tinha na pesquisa intercultural. Cabe dizer que esta ênfase na aplicação vai ser responsável pela aproximação de novos professores para o Programa, alguns anos mais tarde. Peter Spink, em 1981, convidado para assumir um dos eixos necessários à compreensão de problemas sociais – as organizações, e Salvador Sandoval, que veio antes ainda, em 1978, para assumir outro eixo: o dos movimentos sociais.



Salvador Sandoval nos diz em entrevista:

Conheci Joel [Martins] por intermédio de Sílvia Berquó, do Cebrap. Morávamos então no México e ele disse que estávamos lá perdendo tempo, devíamos vir para São Paulo, que o Pós da PUC estava abrindo novos cursos... De fato, comecei dando Comportamento Político no curso de Serviço Social, depois para o pessoal de Antropologia, que dirigia o curso de Ciências Sociais. Mas foi na Psicologia Social que encontrei o que queria: pesquisadores engajados numa prática social que tomava nosso trabalho muito diferente. (entrevista à autora em maio de 2002: comunicação pessoal (9).

Estes dois eixos aparecem já no projeto que, em 1977, o Programa apresenta para credenciamento junto à CAPES. Esta ênfase responde, também, pela divisão do Programa, desde então e até hoje, em apenas duas linhas de pesquisa: uma voltada a sistematizações teóricas, outra aos aportes da psicologia social aos problemas de nossa realidade.

Sílvia Lane, por sua vez, conta que descobriu Doutora Aniela num artigo de 1968 sobre linguagem. Diz ela:

Marcantes em minha formação haviam sido dois cursos feitos na USP: com Theodore Schreuers (Psicologia Industrial) e com Carolina Bori (sobre Kurt Lewin), ambos com ênfase em pesquisa, destaque que retomei em 65 num curso sobre pesquisa ministrado na PUC por Robert Farrow. Mas encontrar o artigo de doutora Aniela sobre linguagem, ela que era agora minha chefe no Setor de Pesquisa do IPPUC-SP, me levou a fazer com ela meu doutorado. (Lane, 1981, p. 4)

Proposto ao Conselho Universitário em 1970, o projeto original do PSO era muito simples, como queria Joel Martins, que criara o Setor no ano anterior. Assim, enquanto Casimiro dos Reis Filho (10) detalhava a proposta do Ciclo Básico (que começou apenas em 1971), o Professor Joel, trabalhando em salas improvisadas, primeiro no porão do prédio-sede, depois na edícula de uma casa que a PUC alugara (para dar conta da ampliação de cursos e de vagas), começava, já em 1969, um Setor de Pós-Graduação. Autônomo, independente da administração acadêmica existente, o Setor foi instalado com base numa Portaria do Reitor que exigia dos professores interessados em defender seus títulos acadêmicos apenas três coisas: (a) projeto aprovado por um Orientador (doutor autorizado); (b) aprovação em três cursos relativos ao projeto; (c) defesa da tese ou dissertação frente a banca formada por especialistas na área do candidato e do Orientador, integrada por dois professores da PUC-SP e dois de outras instituições. A autonomia administrativa, por sua vez, foi de enorme importância para o desenvolvimento do Setor: graças a ela se pôde chamar, diretamente dos Departamentos e até contratar de fora da PUC-SP, os doutores que vieram dar início ao Setor, incluindo professores que eram então expulsos de instituições estatais (11).

Mas o curso vai começar apenas no 2º semestre de 1972. Duas disciplinas próprias são oferecidas: Psicologia Social (ministrada por Karl Sheibe (12) com bolsa Fullbrigt) e Pesquisa intercultural (por doutora Aniela). No ano seguinte, Sílvia Lane, já doutora, oferece outras duas: Psicologia da Linguagem e Pequenos Grupos. Outros créditos exigidos (Lógica, Metodologia, Estatística) eram cumpridos nos outros cursos então oferecidos (Psicologia da Educação e Ciências Sociais).

Mas Sílvia Lane, formada em filosofia na USP e encarando a psicologia social como professora dessa disciplina desde 1964 – primeiro na Escola de Enfermagem da USP, depois também para estudantes de Psicologia e Ciências Sociais na PUC-SP –, vai pensar diferente sobre a crise da área. Seus estudos sobre linguagem e seu forte compromisso



político, iniciado quando ainda estudante, preparam-na de modo diferente para buscar uma saída para a psicologia social:

Vale mencionar, no período da Filosofia (1952-56), a minha participação no Centro Acadêmico, durante três anos que, em confronto com a vida universitária em *campus* norteamericano (1955, no Wellesley College) influiu decisivamente na opção por um trabalho significativo dentro de nossa realidade. (Lane, 1981, p. 6)

O Pós-Graduação traz desafios novos. Em sua disciplina Psicologia da Linguagem, além de discutir diferentes propostas teóricas – Skinner, Chomsky, Miller, Piaget, Vigotski, os alunos fazem, concomitantemente, algum trabalho de campo. Mas é em Pequenos Grupos, inicialmente com a proposta de uma revisão das principais teorias sobre grupos, que o aluno, escolhendo um autor que era confrontado com outros em torno de alguns temas propostos, tinha como trabalho final a elaboração de um projeto de pesquisa dentro da teoria escolhida. E isso vai começar um estilo de trabalho que não será mais abandonado. Cada novo semestre se inicia agora com apresentação dos projetos do semestre anterior aos novos alunos, num trabalho cumulativo crítico sobre as teorias estudadas. Intensifica-se também a busca por novos autores, os europeus não ensinados na Maria Antonia (a FFCL da USP), e os latinoamericanos, aproximados graças ao Congresso Interamericano de Psicologia de 1973, em São Paulo. Mas

Foi muito significativo também o trabalho com alunos de pós-graduação em Enfermagem [da USP], que durante alguns anos provinham de vários países da América do Sul e dos diferentes Estados do Brasil, o que propiciava um intercâmbio muito rico e um desafio: trabalhar individualmente com essa diversidade de experiências profissionais... (Sílvia Lane, 1981, p. 6)

De fato, uma das características do Programa,

não exclusiva a ele, mas que o marca, é a busca da compreensão dos problemas que mobilizam a sociedade brasileira. (...) Entusiasmante, na medida em que se pesquisam problemas concretos e atuais, o risco que se poderia enfrentar seria o da indefinição: pesquisador ou agente político? A montagem do currículo básico (com forte ênfase em epistemologia e metodologia) e a organização de seminários temáticos interdisciplinares, bem como a formação dos professores, com intensa atuação em pesquisa, constituem fatores que nos protegem de tais riscos. (Cf Proposta enviada à Capes em 1977: Lane, 1977).

2º momento – 1976/1980

Mas foi a turma que entrou em 1975 que cobrou do Programa maior clareza ou ênfase nesse compromisso, como lembrou Sílvia Lane na abertura das comemorações por ocasião dos 30 anos do Programa (Guedes, 2002). Assim, embora alguns dos requisitos para se fazer um curso diferente tivessem sido colocados já desde o início, os principais foram implantados como consequência da primeira autoavaliação do Curso, iniciada em 1976, quando Sílvia se preparava para assumir a Coordenação. Num rápido resumo:

(1) o Curso deveria receber interessados de qualquer área, pois que a interdisciplinaridade deveria ser vivida entre os alunos, não só entre professores ou entre aluno e professor; de fato, temos tido entre os alunos pessoal das mais diversas áreas, além da psicologia: geografia, ciências sociais, psiquiatria, medicina social, enfermagem, odontologia, arquitetura, comunicação e jornalismo, lingüística e letras, serviço social, filosofia...);



(2) em condições iguais e poucas vagas, a Seleção poderia privilegiar pessoal com experiência profissional, com base na idéia de que já estariam comprometidos com solução de problemas concretos da nossa realidade. Cabe dizer que nem foi preciso procurar, pois os tempos eram então de muita atuação social, talvez como resistência ao regime ditatorial que se vivia. Ajudou também nisso a abertura, na época, de novos cursos de graduação, cujos professores procuravam nosso Programa já como profissionais no ensino superior; só mais recentemente estamos recebendo recém-formados, mas *coincide* serem estudantes que desde a graduação estão engajados em projetos voltados para problemas sociais;

(3) com estudantes nas condições acima, tentativa seria feita para que seus problemas de pesquisa tivessem a ver diretamente com a realidade na qual trabalhavam; a nós competia descobrir as condições para ajudá-los e encontrar formas de torná-los problemas de pesquisa, não apenas de intervenção.

(4) admitindo, no entanto, que estratégias metodológicas não garantem por si solução para todos os problemas, iniciamos, os professores, um período intenso de estudos, nos quais teoria e método se integravam; relemos então autores como Vigostski, Politzer, Marx (que conhecêramos na Filosofia com Cruz Costa (13); conheci Leontiev e Luria, que Sílvia trazia para uma nova disciplina Leitura Crítica; fizemos um grande levantamento e lemos muito sobre as diversas posições relativamente a "saídas" para a chamada crise da psicologia social (Guedes, 2007); conhecemos as então chamadas *alternativas* metodológicas ou de procedimento propostas nas ciências sociais – principalmente a observação e a pesquisa participativas (Guedes, 2007) e a história oral como método;

(5) relativamente a método, era importante não deixar prevalecer a motivação política sobre quaisquer aspectos da investigação, por exemplo, sobre a coleta sistemática de dados empíricos; ou sobre o uso de dados apenas para ilustrar teses já aceitas;

(6) ao mesmo tempo, não se podia parar de pesquisar enquanto não tínhamos certeza de estar fazendo o certo (eu me lembro do exame de qualificação de doutorado de Antonio Ciampa (1986), quando defendíamos que um caso bastaria em sua pesquisa sobre Identidade, se fosse suficientemente bom, e eu penso que não sabíamos ainda exatamente o que seria um *bom caso*); por outro lado, era preciso aproveitar competências e preferências, e até acasos, para dedicar esforços no principal (outro exemplo marcante foi a pesquisa de Magali Surjus Pereira (1983), da Universidade Estadual de Londrina, em favela, sobre educação de criança; quando ela ficou grávida, o procedimento de entrevistas mudou para aproveitar as conversas que ela só agora conseguia manter com as mulheres, quase sempre também grávidas; e à época pouco havia sobre "conversa" como procedimento em pesquisa);

(7) compunham agora o conjunto de categorias analíticas da Psicologia Social que se pretendia: linguagem, representações sociais, consciência/alienação, ideologia, identidade, emoção, sem prejuízo ainda dos conceitos e métodos anteriormente estudados. Por exemplo, muitas das primeiras dissertações foram experimentos e, no primeiro período, chegamos a ter Estatística como disciplina obrigatória; e Psicologia Experimental chegou a ser ministrada como seminário avançado. Com a mudança curricular, os alunos passam agora a ter, além de Metodologia (única que continua do currículo inicial, mas com ementa completamente diferente), três disciplinas obrigatórias: Psicologia Social e Realidade brasileira, Lógica do conhecimento científico e Leitura crítica em Psicologia Social.

E isso me retorna ao *lugar de onde falo*. Eu era professora de Metodologia da Pesquisa (coordenava a disciplina para o Ciclo Básico – 1º ano de todos os cursos) e completava meus créditos de doutorado na USP em Psicologia Social e Experimental. Ao defendê-lo, em 1974, passei a colaborar com o Pós-Graduação, dando de vez em quando uma disciplina eletiva. Até que Sílvia passou a Coordenadora, enquanto Doutora Aniela dava início a um Doutorado (1978-1983), para atender à demanda de egressos das três subáreas: Clínica, Social e da Educação. Nesse doutorado, enquanto durou, com Doutora Aniela e uma estatística, a Professora Jadwiga Mielzinska, respondíamos por Seminários Metodológicos. Em 1977, tendo deixado o Ciclo Básico, comecei a dar a obrigatória de



Metodologia para os mestrandos, a ajudar Sílvia Lane em Leitura Crítica, além de responder pelo recém-instalado Laboratório de Psicologia Social.

O Laboratório foi criado por imposição da Capes. Melhor dizendo: entre as exigências que fazia para nos credenciar, a Capes cobrava um laboratório. Provavelmente teria bastado descrever o bem equipado Laboratório de Psicologia Experimental e as instalações da Clínica (salas com espelho unidirecional, por exemplo), tudo do antigo Instituto, agora unidades da Faculdade colocadas também à disposição do PSO.

Decidimos, no entanto, aproveitar a oportunidade para conseguir da PUC-SP mais espaço para o Programa. E inventamos o Laboratório que nos parecia necessário à proposta do Curso: como um *espaço de rebeldia* - oferecendo o que o estudante precisava em metodologia e estatística, de acordo com seus projetos (grupos de estudo orientado) em vez de cursos obrigatórios para todos; misturando áreas (num pós-graduação ainda todo compartimentalizado); misturando instituições, além de áreas; trazendo para a Universidade gente que não está nela porque não pode ou não quer (especialistas sem título acadêmico e professores ainda sem título de doutor, requisito indispensável apenas para dar disciplinas); atividades gratuitas (numa universidade particular). E trazendo também outros parceiros - por exemplo, sujeitos de pesquisa participativa, porque queríamos aprender a *devolver os resultados aos sujeitos*, como se dizia então). Não foi muito tranquilo, chegamos a ter alguns problemas. Uma vez, o responsável pelo restaurante da Universidade foi ver se era verdade que um *certo pessoal* (palavras dele) que aparecia lá aos sábados fazia mesmo curso no 4º andar... (o andar só da pós-graduação). Era um grupo de líderes de bairro e de movimento sindical para quem demos um curso de Metodologia. Nem lembro como nos acharam, mas foi uma turma excelente, trabalhamos por dez sábados, manhã e tarde, uns três meses. Eles é que quiseram que o curso fosse na Universidade: "... porque os livros estão na Universidade, não estão?" (disse um deles, quando combinávamos o curso); para outro, uma outra razão: "... quero conhecer essa escola e saber por quê minhas filhas, que me ajudavam antes, agora que entraram para a Universidade não ligam mais para o nosso projeto no bairro."

As atividades no Laboratório eram as mais variadas: cursos de curta duração, atendendo a necessidades teóricas e metodológicas dos projetos; discussão de pesquisas em andamento com pesquisadores convidados; encontros por temas, para discussão de pesquisas com alunos de outros Programas; sessões de defesa de tese ou dissertação com bancas "ideais" (envolvendo pessoas sem titulação, mas diretamente afetadas relativamente aos temas em estudo), antes ou depois da defesa oficial; ciclos de estudos (que reuniam professores, mas abertos a estudantes; lembro bem de ter lido Pulitzer com Sílvia e de ter lido Agnes Heller com Iray Carone e Salvador Sandoval; grupos de alunos leram Marx com Octávio Ianni e professores visitantes atendiam em suas respectivas especialidades - entre eles, Eni Orlandi, da lingüística da Unicamp, que nos trazia Claudine Haroche, do Centre National de Recherches Scientifiques, o CNRS, a cada vez que esta vinha ao Brasil (temos até um Caderno PUC (nº 31, 1988) com artigos de ambas e Sílvia) (Orlandi, 1988); e longos ciclos de debates, um deles com três anos de duração ("Psicologia Social Hoje" - um convidado por mês, trazendo pesquisadores da área, do país e de fora); outro, com pesquisadores de áreas afins, convidados a falar sobre avanços recentes nas pesquisas de sua área; e um terceiro, mais metodológico, para pesquisadores da psicologia e outras áreas contarem seus projetos em andamento. Lembro de uma fala de Carmen Junqueira, quando convidada: "Falar de como eu trabalho? Que bom, na área, os colegas em geral querem saber só dos resultados".

Tivemos então conosco gente muito importante e gente absolutamente desconhecida no meio acadêmico; gente que concordava e gente que discordava totalmente de nosso projeto.

Foi um período de muito estudo para nós professores. Além disso, o Laboratório servia também diretamente ao curso: como apoio aos professores (com seus grupos regulares por linha de pesquisa) e aos estudantes, que aí se preparavam para a pesquisa dita então de campo: operar um gravador, observar grupo de discussão, montar escalas e



questionários, treinar-se como entrevistador...; havia ainda grupos informais temáticos, propostos e dirigidos pelos próprios estudantes. Tudo para dar conta dos problemas teóricos e metodológicos criados pelo projeto do Curso.

É de Iray Carone, professora do quadro permanente do Programa entre 1978 e 1987, a descrição do clima encontrado quando de sua chegada:

O Setor de Pós-graduação da PUC passava por um processo de mudança, em grande parte determinada pela presença de grandes sociólogos, os pensadores marxistas paulistas Octávio Ianni, Florestan Fernandes, Paul Singer, Francisco de Oliveira, Cândido Procópio... Como era um Setor concentrado no 4º andar, a convivência dos pesquisadores, docentes e estudantes era intensa e propiciava um clima extremamente favorável para uma reflexão política sobre as ciências humanas e a sociedade brasileira. Os alunos de Psicologia Social freqüentavam regularmente o curso de Ianni e os alunos de Ciências Sociais procuravam, nos nossos, esta outra Psicologia Social que se pretendia. (Carone, 2002).

E de Salvador Sandoval (2002), em entrevista:

Desde o início, acho que uma das coisas importantes no Programa é a diversidade de posições teóricas nos diversos núcleos, a par da oportunidade de encontros propiciada pela freqüência dos alunos [de outros núcleos] às disciplinas que os Núcleos oferecem, abertas a todos; e pelos encontros eventuais internúcleos.

3º momento – 1981-1982

No começo dos anos 80, duas novidades: (a) uma viagem de quase dois meses que Sílvia Lane e eu realizamos pela América Latina e (b) a Capes com uma nova exigência: que os Programas de Psicologia tivessem seus próprios doutorados. Pessoalmente, achava que um doutorado que unia os alunos de Clínica, Social e da Educação era uma opção no mínimo interessante. Se defendíamos uma psicologia trabalhando com outras áreas, como separar nossa própria área em *subpsicologias*? Mas essa não era uma posição partilhada pelos colegas dos outros Programas de Psicologia, talvez nem mesmo por professores e alunos do nosso Programa. E começamos a pensar no nosso doutorado. Assim, a viagem, no início de 1982, marcou a passagem de um período intenso de estudos para uma imersão em tempo integral em projetos incríveis que pudemos conhecer de perto em seis capitais: Caracas, Bogotá, México, Havana, Quito e Lima. Decidíamos quais projetos visitar a partir sempre de uma reunião nas *Escuelas* de Psicologia das principais Universidades. Viajamos com verba do CNPq, portanto, tínhamos convites formais de pelo menos uma Universidade em cada cidade.

Conhecemos então projetos de todo tipo e trouxemos farto material que partilhamos com o Programa, professores e estudantes, nas atividades do Laboratório. Por exemplo, conhecemos cursos bastante originais – como um para grávidas, na maior Maternidade pública de Caracas, conduzido como pesquisa por uma psicóloga social, Eliza Gimenez, coordenando um grupo interdisciplinar de estagiários; ou o curso de pós-graduação em autogestão, em Lima, no Centro de Estudos Sociais para a América Latina (CESIAL); em Caracas, chamou a atenção ainda a proposta de formação em educação da Universidad Simon Rodriguez, na qual os estudantes, com apoio de um professor-facilitador, responsabilizavam-se por projetos contratados pela instituição, num “curso” sem aulas... Os projetos visitados eram de toda ordem: por exemplo, um do Setor de Recursos Humanos de uma empresa de propriedade social, dirigida pelos empregados, em Lima, cujo chefe era um sindicalista que ocupava um dos únicos três cargos da empresa que



não eram exercidos por funcionário eleito, mas por alguém contratado de fora; ou os diversos projetos pessoais que professores universitários, em geral sem nenhum apoio de suas instituições, desenvolviam junto a comunidades das periferias das capitais que visitamos.

Assim, para o projeto do doutorado já se contava, então, com a experiência de dez anos do mestrado em psicologia social, com a experiência de um doutorado geral (e respectivas dissertações e teses defendidas) e a certeza da importância de ter indissociadas a teoria e a prática.

Os estudos sobre consciência individual através do discurso e da ação, sobre formação e transformação da identidade, sobre processo grupal, sobre análise institucional, sobre movimentos sociais davam ao Programa a segurança para montar um doutorado com a seguinte proposta: aprofundamento das questões epistemológicas e da história da psicologia, paralelamente ao estudo e pesquisa de temas diretamente ligados às próprias teses dos doutorandos; seminários eletivos voltados a questões gerais teóricas e de método em psicologia social; participação em atividades programadas junto ao Laboratório, voltado agora em especial ao intercâmbio com outras instituições, nacionais ou estrangeiras.

Conclusão

Hoje, é possível, numa leitura retrospectiva, dizer mais claramente o que pretendia o Programa. À época talvez não estivesse tão claro, mas a proposta do Doutorado em Psicologia Social consolidava o que se vinha fortalecendo como projeto e que incluía: 1. o reconhecimento do caráter social e histórico do psiquismo e do comportamento humano; 2. a necessidade de se voltar a atenção para as chamadas questões nacionais; 3. o cuidado de não se perder a especificidade do objeto da psicologia e da pesquisa científica.

Em resumo, mais do que mudanças formais, o que se pretendeu sempre foi uma mudança de conteúdo no objeto da psicologia e da psicologia social.

Bader Sawaia, socióloga, foi mestranda no Programa, depois doutoranda, período durante o qual foi também estagiária no Laboratório; e é professora do Programa desde que se doutorou. Em suas palavras:

O que nos une, pesquisadores de diferentes teorias, é o desejo fundador do Programa de promover uma revolução ontológica e epistemológica, analisando, criticamente, as teorias consolidadas, a partir de pesquisas de campo sobre os problemas que a sociedade nos coloca. Em outras palavras, operacionalizar, com rigor científico, a vocação política da psicologia nas suas diferentes vertentes teóricas, de modo a criar uma identidade na multiplicidade. (Sawaia, em Guedes: 2002, p. 35)

Nas palavras de Maria Auxiliadora Banks, da Universidad Central de Venezuela em "El enfoque teórico para una psicología social marxista" (1997):

La proposición de Silvia Lane es sustentada en una obra (...) donde se recogen los trabajos que desde esta perspectiva se han venido realizando en el doctorado en psicología social de la Universidad Católica de Sao Paulo desde mediados de los años 70. La finalidad de esta psicología social es aprehender al individuo como un ser concreto, manifestación de una totalidad histórico-social (...) por lo que se hace necesario que la disciplina parta de la materialidad histórica producida y productora de hombres. Tal psicología social tiene una finalidad práctica, la de transformar el orden social a través de una acción. (Banks Rodriguez, 1997, p. 88)



Referências

- Banks Rodriguez, M. A. (1997). El enfoque teórico para una psicología social marxista. *Cuadernos de Postgrado*, 17, pp. -88.
- Bresciani, M. S. (1978). As voltas de um parafuso. *Ciência e cultura*. 12, 931-946.
- Orlandi, E. P. (1988). Sujeito e texto. *Caderno PUC* n. 31. São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP.
- Ciampa, A. C. (1986). *A estória do Severino e a História da Severina: Um Ensaio de Psicologia Social*. Tese de doutorado-não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Ciampa (2002). *Para uma história do PSO/PUC-SP*. São Paulo: NEHPSI/PUC-SP.
- Fernandes, F. (1975). *Universidade brasileira: Reforma ou revolução?* São Paulo: Editora Boitempo.
- Gergen, K. J. (1976). Social psychology, science and history. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 2, 373-383.
- Guedes, M. C. (2002). (Org.) . Apontamentos para uma história do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP. 1. ed. São Paulo: PUC-SP. v. 1.
- Guedes, M. C. (2007). A viagem histórica pela América Latina. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 39-45.
- Jahoda, M. (1958). Current concepts of positive mental health. New York: Basic.
- Lane, S.T.M. et alii. (1977). *Proposta de Programa de Pós Graduação em Psicologia Social junto à Universidade Católica de São Paulo*. Enviado à CAPES em 1977. (mimeo)
- Lane, S. T. M.. (1981) *O que é Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Manis, J. G. (1974). The concept of social problems: Vox Populi and sociological analysis. *Social problems*. Vol. 21, pp. 300-315.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. trad. Pedrinho A. Guareschi). Rio de Janeiro: Vozes. (Original publicado em 2000)
- Ozella, S. (1992). *O ensino de Psicologia Social no Brasil: Um estudo sobre o pensar e o agir de seus professores*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Pécheux, M. (1969a). Les sciences humaines et le moment actuel. *La pensée*, 143, 62-79.



Pécheux, M. (1969b). Sur la conjoncture de la Psychologie Sociale. *Bulletin de Psychologie*, 23 (4-5), 290-297.

Pereira, M. S. (1983). *Práticas sociais de crianças pobres: Um estudo numa favela de Londrina*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ribeiro, D. (1985). *Aos trancos e barrancos: Como o Brasil deu no que deu*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara

Triandis, H. C. (1994). *Culture and social behavior*. New York: McGraw-Hill.

Triandis, H.C. (1995). *Individualism & collectivism*. Boulder, CO: Westview Press.

Notas

*Agradeço à Anpepp a oportunidade de falar em Mesa sobre este tema, organizada para o X Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, em 2004, quando apresentamos uma primeira versão deste artigo.

(1) Relato detalhado sobre o Ciclo Básico na PUC-SP pode ser encontrado, entre outros, em Guedes, M.C. (1974). *Análise e programação de contingências para grande número de alunos*. Tese de Doutorado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo e em Abud, M. L. M. *Formação contínua de professores na "escola reflexiva" do Ciclo Básico da PUC-SP: Seus protagonistas revivem essa prática*. Tese de Doutorado não-publicada, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

(2) O início das aulas na PUC-SP em 1968 encontrou os estudantes acampados à porta do prédio à rua Monte Alegre, em apoio aos candidatos para os quais não havia vagas, embora aprovados no vestibular.

(3) Martins, J. (1989). *Vinte anos da Pós-Graduação na PUC-SP*. Palestra transcrita, Arquivo do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Trata-se de uma comunicação pessoal, deve ser incluída no texto, sem necessidade de constar nas referências.

(4) O Curso de Psicologia tinha então 40 vagas anuais e seis anos, mas os estudantes do 6º ano foram liberados da proposta para terminar seus estágios supervisionados e o Trabalho de Conclusão de Curso.

(5) Juventude Universitária Católica – movimento dos anos 1950. Para mais informação, ver Sena, L. G. de P. (2001). A juventude universitária católica: Algumas reflexões sobre uma experiência de vida cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 241.

(6) Grão-Chanceler da Arquidiocese paulista, o Cardeal de São Paulo dirige o Conselho Curador da Fundação Mantenedora da PUC-SP. É quem nomeia o Reitor, desde 1977 escolhido pela comunidade em eleição direta.

(7) Descrição detalhada desta viagem pode ser lida em: GUEDES, M. C. (2007). A viagem histórica pela América Latina. *Psicologia e Sociedade*, v. 19, p. 39-45.

(8) Para saber mais sobre Anieli Meyer Ginsberg, ver Silva, F. M. S. P. (1996). *A participação da psicologia social brasileira em dois congressos internacionais de psicologia - 1973 a 1995*. Dissertação de Mestrado não - publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo e Azevedo, M. L. B.de (2002). *A obra de Anieli Meyer-Ginsberg: Uma contribuição para a história da psicologia social no Brasil*. Tese de Doutorado não - publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo .

(9) Sandoval, S. Entrevista à autora em março de 2002.

(10) Ver Saviani, D. (2003). Casimiro dos Reis Filho e a Educação brasileira. Em Saviani, D. (Org.). *Intelectual, educador, mestre: Presença do professor Casimiro dos Reis Filho na Educação brasileira*. São Paulo: Autores Associados.



(11) Octavio Ianni foi o mais próximo dos professores então contratados. Recebeu os estudantes do PSO em seus cursos e participou de várias bancas.

(12) Karl Scheibe

(13) João Cruz Costa (1904-1978) foi quem nos ensinou, em disciplina no 1º ano da FFCL da USP (a Sílvia em 1952, a mim em 1953) que a Psicologia é uma ciência ideológica. Em entrevista, mais de uma vez Sílvia Lane se referiu a esta frase como determinante de seu interesse pela Psicologia.

Nota sobre a autora

Maria do Carmo Guedes é formada em filosofia e doutora em psicologia, professora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e dirige o Núcleo de História da Psicologia junto ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da mesma instituição. Contato: mcguedes@pucsp.br

Data de recebimento: 16/12/2007
Data de aceite: 15/10/2008